

HONORÉ
DE BALZAC
Ilusões perdidas

Tradução de
ROSA FREIRE D'AGUIAR

Introdução de
HERBERT J. HUNT



PENGUIN

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da introdução © 1971 by Herbert J. Hunt

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
Illusions Perdues

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA
Raul Loureiro, Claudia Warrak

PREPARAÇÃO
Silvia Massimini Felix

REVISÃO
Adriana Cristina Bairrada
Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Balzac, Honoré de, 1799-1850.
Ilusões perdidas / Honoré de Balzac; tradução de Rosa Freire d'Águilar. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

Título original: Illusions perdues.
ISBN 978-85-63560-33-9

1. Romance francês I. Título

11-10942

CDD-843

Índice para catálogo sistemático:
1. Romances: Literatura francesa 843

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501
www.penguincompanhia.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Introdução — Herbert J. Hunt

ILUSÕES PERDIDAS

PARTE I

OS DOIS POETAS

1. Uma tipografia de província	27
2. A senhora de Bargeton	58
3. Uma noite num salão, uma noite à beira d'água	100
4. Catástrofes do amor provinciano	147

PARTE 2

UM GRANDE HOMEM DE PROVÍNCIA EM PARIS

5. As primícias de Paris	179
1. Uma carta	219
2. Flicoteaux	222
3. Dois tipos de livreiros	229
4. Um primeiro amigo	239
5. O Cenáculo	247
6. As flores da miséria	255
7. Um jornal visto de fora	264
8. Os sonetos	273
9. Um bom conselho	280
10. Terceira variedade de livreiro	289
11. As Galerias de Madeira	297
12. Aspecto de uma livraria nas Galerias de Madeira	304

13. Quarta variedade de livreiro	310
14. Os bastidores	316
15. A utilidade dos droguistas	325
16. Coralie	336
17. Como se fazem os pequenos jornais	345
18. A ceia	354
19. A casa de uma atriz	364
20. Última visita ao Cenáculo	375
21. Uma variedade de jornalista	381
22. Influência das botas na vida particular	388
23. Os arcanos do jornal	393
24. Re-Dauriat	402
25. As primeiras armas	407
26. O livreiro na casa do autor	415
27. Um estudo sobre a arte de cantar a palinódia	423
28. Grandezas e servidões do jornal	433
29. O banqueiro dos autores dramáticos	439
30. O batismo do jornalista	443
31. A sociedade	453
32. Os <i>viveurs</i>	466
33. Quinta variedade de livreiro	472
34. A chantagem	479
35. Os cambistas	484
36. Mudança de front	493
37. Finezas de Finot	501
38. A semana fatal	510
39. Tal como Jó	527
40. Despedidas	534

PARTE 3

OS SOFRIMENTOS DO INVENTOR

INTRODUÇÃO

1. Triste confissão de um filho do século	547
2. O coice do jumento	554

HISTÓRIA DE UMA AÇÃO JUDICIAL

3. O problema a resolver	559
4. Uma mulher corajosa	562
5. Um Judas em gestação	568
6. Os dois Cointet	575
7. A primeira trovoadá	581
8. Uma espiada na indústria papelreira	589
9. Advogados de província em geral e o doutor Petit-Claud em particular	593
10. Curso público e gratuito sobre contas de retorno para os que não estão em condições de pagar suas promissórias	599
11. Quando se vê que um selo de cinquenta centavos faz o mesmo trajeto e tanto estrago quanto um obus	607
12. O que se chama atear fogo nos negócios	613
13. O pai e os dois empregados	619
14. O incêndio alimentado por Petit-Claud e Cachan, assistidos por Doublon	623
15. O auge das perseguições	629
16. Como a prisão por dívida quase não existe na província	638
17. Duas experiências, uma não atinge o coração do pai, outra atinge o objetivo	645
18. Quando os cães se entreolham diante da presa	652
19. A pretendente de Petit-Claud	657
20. Uma frase do padre	662

A CRIATURA FATAL DA FAMÍLIA

21. A volta do irmão pródigo	669
22. Um triunfo inesperado	675
23. A máquina do triunfo	681
24. Uma dedicação que raramente encontramos na vida	688
25. Lucien leva a sério sua glória na província	693
26. Um Cérizet na grama	701
27. Lucien vai à forra no Palacete Bargeton	708
28. O auge da desolação	716
29. O adeus supremo	722
30. Um encontro com o acaso	726

31. História de um favorito	731
32. Aula de história para uso dos ambiciosos, por um discípulo de Maquiavel	735
33. Aula de moral por um discípulo do P. Escobar	740
34. Perfil do espanhol	746
35. Por que os criminosos são essencialmente corruptores	751
36. O momento em que, na luta, se larga de mão	754
37. As influências da prisão	759
38. Um dia tarde demais	766
39. História de uma sociedade comercial	774
40. Conclusão	781
<i>Cronologia</i>	785
<i>Outras leituras</i>	791

PARTE I

Os dois poetas

I

UMA TIPOGRAFIA DE PROVÍNCIA

Na época em que começa esta história, a prensa de Stanhope e os rolos de tintagem ainda não funcionavam nas pequenas tipografias de província. Apesar da especialidade que a leva ser comparada com a tipografia parisiense, a cidade de Angoulême* ainda usava as prensas de madeira, às quais o idioma deve a expressão “fazer a prensa gemer”, agora sem aplicação. A tipografia atrasada ainda empregava as almofadas de couro esfregadas na tinta, que um dos impressores batia nos caracteres tipográficos. A plataforma móvel em que se dispõe a *fôrma* cheia de letras, sobre a qual se aplica a folha de papel, ainda era de pedra e justificava seu nome de *mármore*. As devoradoras prensas mecânicas de hoje de tal modo jogaram no esquecimento esse mecanismo, ao qual devemos, apesar de suas imperfeições, os belos livros dos Elzevier, dos Plantin, dos Alde e dos Didot, que convém mencionar os velhos instrumentos a que Jérôme-Nicolas Séchard dedicava supersticiosa afeição; pois eles desempenham um papel nesta grande pequena história.

Este Séchard era um antigo oficial prensador, que no jargão tipográfico os operários encarregados de juntar as letras chamam de Urso. O movimento em vaivém, que

* Historicamente, Angoulême foi conhecida por suas gráficas e indústria do papel. (Esta e todas as notas que se seguem são da tradutora, a partir da edição apresentada por Patrick Berthier, *Illusions perdues*, de H. de Balzac, Paris, Le Livre de Poche, 2006.)

muito se assemelha ao de um urso na jaula, e que leva os impressores do tinteiro à prensa e da prensa ao tinteiro, lhes valera talvez esse apelido. Como vingança, os Ursos chamavam os tipógrafos de Macacos, por causa do exercício contínuo que fazem para apanhar as letras nos cento e cinquenta e dois caixotins nos quais elas ficam. No desastroso período de 1793, Séchard, que andava perto dos cinquenta anos, se casou. Sua idade e seu casamento o fizeram escapar da grande convocação que levou quase todos os operários às Forças Armadas. O velho impressor ficou sozinho na tipografia, cujo dono, ou seja, o Patrão, acabava de morrer deixando uma viúva sem filhos. O estabelecimento parecia ameaçado de destruição imediata: o Urso solitário era incapaz de se transformar em Macaco, pois, apesar de sua condição de impressor, nunca aprendera a ler nem a escrever. Sem levar em conta sua incapacidade, um Representante do Povo, empenhado em difundir os belos decretos da Convenção, investiu o prensador na patente de mestre-impressor e requisitou sua tipografia. Depois de aceitar essa perigosa licença, o cidadão Séchard indenizou a viúva do patrão, entregando-lhe as economias de sua esposa, com as quais pagou pela metade do valor o material da gráfica. Isso era o de menos, mas os decretos republicanos deviam ser impressos sem erro e sem atraso. Nessa conjuntura difícil, Jérôme-Nicolas Séchard teve a felicidade de encontrar um nobre marselhês que não queria emigrar, para não perder suas terras, nem se mostrar, para não perder a cabeça, e que só poderia conseguir sustento graças a um trabalho qualquer. Portanto, o sr. conde de Maucombe envergonhou a veste humilde de um contramestre de província: compôs, leu e corrigiu pessoalmente os decretos que se referiam à pena de morte contra os cidadãos que escondiam nobres; o Urso, que agora se tornara Patrão, os imprimiu e mandou afixar; e ambos ficaram sãos e salvos. Em 1795, tendo passado a borrasca do Terror, Nicolas Séchard foi obrigado a procurar outro chefe de oficina que pudesse ser compositor, revisor e contramestre. Um padre, depois

bispo, durante a Restauração, e que por essa época se recusava a prestar juramento,* substituiu o conde de Maucombe até o dia em que o Primeiro Cônsul restabeleceu a religião católica. O conde e o bispo se encontrariam mais tarde no mesmo banco da Câmara dos Pares. Se em 1802 Jérôme-Nicolas Séchard não sabia nem ler nem escrever melhor que em 1793, conseguira umas belas *margens* para poder pagar um chefe de oficina. O oficial, outrora tão despreocupado com o próprio futuro, agora era temido por seus Macacos e Ursos. A avareza começa onde a pobreza acaba. No dia em que o impressor entreviu a possibilidade de enriquecer, o interesse por sua própria situação lhe desenvolveu uma inteligência material ávida, desconfiada e penetrante. Sua prática desafiava a teoria. Ele acabara por calcular de relance o preço de uma página e de uma folha de acordo com a espécie dos caracteres. Provava a seus fregueses ignaros que as letras grossas custavam mais para ser compostas do que as finas; quando se tratava das pequenas, dizia que eram mais difíceis de manejar. Como a *composição* era a parte da tipografia da qual ele não entendia nada, tinha tanto medo de se enganar que só fazia contratos leoninos. Se seus tipógrafos trabalhavam por hora, jamais tirava o olho deles. Se sabia que um fabricante estava passando necessidades, comprava seus papéis a preço vil e os estocava. Assim, já nessa época era dono da casa na qual a tipografia estava instalada desde tempos imemoriais. Conheceu as alegrias mais diversas: ficou viúvo e só teve um filho; matriculou-o no liceu da cidade, menos para lhe dar educação que para preparar um sucessor; tratava-o severamente a fim de prolongar a duração de seu pátrio poder; e nos dias de folga o fazia trabalhar nas caixas lhe dizendo que aprendesse a ganhar vida para poder, um dia, recompensar seu pobre pai, que se sangrava para criá-lo.

* Desde a Revolução Francesa, os padres eram obrigados a prestar juramento ao Estado laico, de certa forma abjurando da fé católica.

Quando o padre foi embora, Séchard escolheu como chefe da oficina aquele de seus quatro tipógrafos que o futuro bispo lhe assinalara como tendo probidade e inteligência. Portanto, o homenzinho se viu em condições de esperar o momento em que o filho pudesse dirigir o estabelecimento, que então prosperaria sob mãos jovens e hábeis. David Séchard fez no liceu de Angoulême os mais brilhantes estudos. Embora o Urso, bem-sucedido sem conhecimentos nem educação, desprezasse consideravelmente a ciência, o velho Séchard mandou o filho a Paris para estudar a alta tipografia; mas lhe fez a recomendação tão violenta de amealhar uma boa quantia numa terra a que chamava de *paraíso dos operários*, avisando-lhe que não contasse com a bolsa paterna, que certamente viu naquela temporada no *país da Sapiência* um meio de alcançar seus objetivos. Enquanto ia aprendendo o ofício, David concluiu sua educação em Paris. Contramestre dos Didot, tornou-se um erudito. No final de 1819 David Séchard saiu de Paris sem ter custado um só tostão ao pai, que o chamava de volta para pôr em suas mãos o timão dos negócios. A tipografia de Nicolas Séchard possuía na época o único jornal de editais judiciários que havia no Departamento, e também tinha a exclusividade da Prefeitura* e do Bispado, três clientelas que deviam proporcionar grande fortuna a um jovem ativo.

Justamente nessa época, os irmãos Cointet, fabricantes de papel, compraram a segunda licença de impressor de Angoulême, cidade que até então o velho Séchard soubera reduzir à mais completa inatividade, graças às crises militares que, no Império, restringiram todo o movimento indus-

* Pouco depois da Revolução Francesa, a França foi dividida territorialmente não mais em províncias, mas em departamentos. A prefeitura (*préfecture*) é que administra o departamento, sendo o prefeito (*préfet*) um alto funcionário nomeado pelo Estado, como representante do poder central. O *maire* (também *prefeito* em português) é o chefe do poder municipal, sendo eleito para a *mairie*, nessa época, pelo Conselho Municipal.

trial; por isso mesmo ele não a adquirira, e sua parcimônia foi uma das causas da ruína da velha tipografia. Ao saber da notícia, o velho Séchard pensou alegremente que a luta a ser travada entre seu estabelecimento e o dos Cointet seria enfrentada por seu filho, e não por ele. “Eu sucumbiria a isso”, pensou, “mas um jovem educado pelos senhores Didot se sairá bem.” O septuagenário ansiava pelo momento em que pudesse viver como bem entendesse. Se tinha poucos conhecimentos de alta tipografia, passava, em contrapartida, por ser extremamente competente numa arte que os operários jocosamente chamaram de *bebadografia*, arte muito estimada pelo divino autor de *Pantagruel*, mas cuja prática, perseguida pelas sociedades ditas de *temperança*, está cada dia mais abandonada. Jérôme-Nicolas Séchard, fiel ao destino que o nome lhe atribuíra,* era dotado de uma sede inextinguível. Durante muito tempo sua mulher contivera nos justos limites essa paixão pela uva esmagada, gosto tão natural nos Ursos e que o sr. de Chateaubriand notou nos verdadeiros ursos da América; mas os filósofos observaram que os hábitos da juventude voltam com força na velhice do homem. Séchard confirmava essa observação: quanto mais envelhecia, mais gostava de beber. Sua paixão lhe deixava na fisionomia ursina marcas que a tornavam original. O nariz tomara a forma de um A maiúsculo corpo de *triple canon*. Suas bochechas venosas pareciam essas folhas de parreira cheias de gibosidades violáceas, purpúrinhas e volta e meia matizadas. Vocês pensariam numa trufa monstruosa enrolada em pâmpanos do outono. Escondidos sob duas grandes sobranceiras que pareciam dois arbustos carregados de neve, seus olhinhos cinza, em que borbulhava a astúcia de uma avareza que nele tudo matava, até mesmo a paternidade, se conservavam inteligentes até mesmo na embriaguez. Sua cabeça calva e já sem coroa, mas cingida de cabelos grisalhos ainda crespos, trazia à imaginação

* Séchard tem etimologia próxima de *sécher*, secar, enxugar. *Sécher un verre* é beber de um trago.

os franciscanos dos *Contos* de La Fontaine. Era atarracado e barrigudo como muitos desses velhos lampiões que consomem mais óleo que pavio; pois em todas as coisas os excessos empurram o corpo para o caminho que lhe é próprio. A bebedeira, assim como o estudo, engorda mais o homem gordo e emagrece o homem magro. Fazia trinta anos que Jérôme-Nicolas Séchard usava o famoso tricórnio municipal, que em certas províncias ainda se encontra na cabeça do tambor da cidade. Seu colete e sua calça eram de veludo esverdeado. Por fim, usava uma velha sobrecasaca marrom, meias de algodão mescla e sapatos com fivela de prata. Esse traje, em que o operário se via como um burguês, convinha tão bem a seus vícios e a seus hábitos, expressava tão bem sua vida, que o velhinho parecia ter sido criado já todo vestido: ninguém o imaginaria sem suas roupas, assim como não imaginaria uma cebola sem a casca.

Se o velho gráfico não tivesse mostrado, desde sempre, a medida de sua cega avidez, seu plano de abdicar dos negócios bastaria para pintar seu caráter. Apesar dos conhecimentos que o filho devia trazer da grande escola dos Didot, propôs-se a fazer com ele a boa transação que ruminava havia tempo. Se o pai fazia um bom negócio, o filho necessariamente faria um mau. Mas, para o velhote, nos negócios não havia pai nem filho. Se a princípio ele viu em David seu filho único, mais tarde o enxergou como um comprador natural cujos interesses eram opostos aos seus: queria vender caro, David deveria comprar barato; por isso, o filho se tornava um inimigo a vencer. Essa transformação do sentimento em interesse pessoal, via de regra lenta, tortuosa e hipócrita nas pessoas bem-educadas, foi rápida e direta no velho Urso, que mostrou o quanto a bebadografia matreira levou a melhor diante da tipografia instruída. Quando seu filho chegou, o homem lhe demonstrou a ternura comercial que as pessoas espertas têm pelos trouxas: cuidou dele como um apaixonado teria cuidado da amante; deu-lhe o braço, disse-lhe onde devia pôr os pés para não se sujar, mandou-lhe aquecer a cama, acender a lareira, preparar uma ceia.